

ENSAIO SOBRE A SANIDADE: ENTRE O LABIRINTO DO FAUNO E O LABIRINTO DO MINOTAURO

Wilson Alves de Paiva¹

É na cultura grega que vamos encontrar as primeiras tentativas racionais no sentido de entender o fenômeno da saúde e os problemas relacionados com a doença. Mesmo antes do surgimento da filosofia, por volta do século VI a. C., os relatos míticos prenunciavam uma propensão à medicina e às artes da cura em geral. Prometeu, por exemplo, ao roubar o fogo e dá-lo aos homens, recebeu da parte de Zeus o castigo de ter o fígado devorado por uma águia. Porém, como imortal, sua glândula se recuperava repetidamente. Bem antes do que isso os egípcios já embalsamavam seus cadáveres, e outras civilizações possuíam regras para purificação que invariavelmente resultavam em prevenção de problemas patológicos. Mas nenhum deles soube realizar a virada do pensamento mítico ao racional tão bem quanto os gregos. Enquanto os faraós eram embalsamados para uma vida futura, a fábula de Prometeu lançou luz sobre a capacidade de recuperação do corpo humano.

Assim como diversas outras ciências, a medicina nasce dessa conjugação entre o real e o imaginário. Partindo do mito, Apolo era deus das artes e da medicina. Amava Coronis, filha de um rei, mas decidiu matá-la porque fora avisado de sua traição. No momento da morte ela comunica a gravidez e pede misericórdia para com o filho. Assim, das entranhas do cadáver da mãe, Apolo retira o filho e lhe dá o nome de Asclépio, o qual veio a ser o deus específico da medicina. Eis, portanto, um relato que guarda em sua origem a reflexão sobre a própria finalidade. Como uma dádiva dos deuses, o dom da cura retira o moribundo de seu estado mórbido e proporciona a vitória da vida sobre a morte.

¹ Mestre em Filosofia. Doutorando em Filosofia da Educação pela USP. Professor da UFG e da Faculdade União de Goyazes.

Mais do que isso, a fábula também produziu resultados práticos, uma vez que os templos dedicados a Asclépio possuíam espaços para exercícios físicos e práticas curativas. Hipócrates (460-377 a.C.), um de seus adoradores, praticou a arte curativa, elaborou um juramento² e produziu uma vasta obra na qual analisa as doenças de sua época, comentando sobre os possíveis diagnósticos. Se com Sócrates, Platão e Aristóteles, o pensamento grego passa a ter uma base filosófica, é com Hipócrates que a arte curativa ganha alicerces de racionalidade e se abre para as experiências empíricas. Outro nome grego é o de Teofrasto (372-287 a.C), filósofo que pesquisou empiricamente as plantas e escreveu mais de dez obras sobre o assunto, tornando-se o primeiro botânico da antiguidade e um dos primeiros a oferecer uma ligação desse conhecimento com a medicina.

Do mitológico ao filosófico, a atividade curativa revela uma cosmovisão que o tempo e a própria evolução da ciência trataram de apagar. Vemos na divindade de Apolo a conjugação da medicina com a poesia, a música e as demais artes que favoreciam a harmonia com o cosmo. A partir daí, as ações curativas eram pensadas de forma integradora para as quais deveriam convergir todas as manifestações do poder criativo da intelectualidade humana a fim de possibilitar o funcionamento do organismo segundo o biorrítmo da natureza.

As demais civilizações, por seu turno, não desenvolveram uma compreensão do fenômeno patológico de modo tão racional quanto os gregos, mas seus mitos também revelam um universo integrador. O xamã evoca as forças da natureza na expectativa de vê-las penetrar o corpo e recompor sua própria ordem, segundo as leis naturais e a harmonia que o cosmo proporciona.

O legado desses povos está no fato de que a magia alimentava as mentalidades e abria caminhos para se penetrar no desconhecido e no explicável de modo tão fecundo que até hoje a ciência não apreendeu totalmente as vias pelas quais os homens chegavam a certos diagnósticos, resultados científicos, cálculos matemáticos e respostas várias sem a evolução tecnológica que dispomos nos dias de hoje.

O fato é que ciência era magia, medicina era arte e o ato de curar era encarado como uma dádiva dos deuses. Dado que não dispunham de

² De onde se pode tirar o belo trecho: “Aplicarei os regimes para o bem do doente segundo o meu poder e entendimento, nunca para causar dano ou mal a alguém. A ninguém darei por prazer, nem remédio mortal nem um conselho que induza a perda. Do mesmo modo não darei a nenhuma mulher uma substância abortiva. Conservarei imaculada minha vida e minha arte”.

recursos tecnológicos e que o conhecimento anatômico, o orgânico e o bioquímico eram parcos, curar era como caminhar por um labirinto. Era, por assim dizer, caminhar sem rumo e às escuras, tentando acertar com um ou outro procedimento. Mas a intuição e a sensibilidade geralmente indicavam a saída, além de possibilitar o prazer da descoberta e o alívio das desgraças abundantes da vida real. No campo da ciência, diversas descobertas resultaram de especulações míticas. Numa carta a Einstein, Freud interroga: “Não será verdade que cada ciência, no fim, se reduz a um certo tipo de mitologia?” (*Apud* Alves, 1987: 109). Afinal, as categorias do pensamento têm sua origem no mito e na religião.

Essa foi a situação das ciências da saúde até o início da Idade Moderna, sem comentar neste momento as idiossincrasias do período medieval que significaram um retrocesso quase ao estágio dogmático dos tempos primitivos.³ Mesmo assim, por vários séculos os enigmas que o *bios* e o *pathos* oferecem tiveram de ser desvendados pela perspicácia aguda dos mestres, auxiliados pelo diálogo com seus discípulos. Se o método silogístico era insuficiente para os fenômenos da vida, e o indutivo de Galileu não recebera a devida aprovação, restava apelar ao pleno exercício da sensibilidade e da intuição. Não era raro utilizarem música com os banhos, narrações poéticas com as sangrias, teatro com os loucos e atividades circenses com os moribundos. O conhecimento científico estava, por assim dizer, num labirinto mágico, povoado de criaturas fantásticas que auxiliavam os perdidos em sua rota e davam mais graça ao intercurso.

Uma das criaturas mais interessantes nesse universo imaginário é o Fauno. Metade homem e metade bode, o Fauno, também chamado Pã, é uma divindade silvestre, vivendo em simbiose com a natureza. Geralmente acasala-se com uma ninfa⁴ e passa os dias tocando sua flauta e protegendo os pastores e os rebanhos.

Um dos melhores filmes produzidos em 2006, o *Labirinto do Fauno* de Guillermo Del Toro, oferece um conjunto de metáforas e alegorias que podem alimentar a discussão filosófica e servem de ilustração para assunto que

³ Franco Júnior (2001) nos informa que até fins do século XIII não se praticava a dissecação de cadáveres, pois não se poderia abrir o templo do Espírito Santo, como era definido pela Igreja.

⁴ Ninfas são criaturas imortais que vivem na floresta adorando à mãe Hera, deusa da terra. Possuem poderes curativos e conhecem os atributos farmacológicos das plantas.

proponho. O enredo gira em torno de Ofélia, uma criança de dez anos, fascinada por livros de contos de fada e se passa no final da guerra civil espanhola durante o regime de Franco. Ao viajar com sua mãe ao interior do país para encontrar-se com Vidal, seu padrasto – um fiel soldado do exército franquista – numa fazenda-quartel, depara-se com uma realidade trágica e miserável. Nesse lugar Ofélia descobre um labirinto no qual conhece o Fauno que conta a suposta verdade sobre sua vida anterior e lhe oferece três provas para que ela possa voltar para seu reino. Bem parecido com o surrealismo do cineasta Buñuel, Del Toro cria um universo onírico que se oferece como único escape à inocente Ofélia frente a dura realidade que lhe é oferecida.

É evidente a diferença entre o mundo de Vidal e o mundo de Ofélia. Enquanto ela acredita em sonhos e fantasias – sentimentos vitais ao desenvolvimento do ser humano e à compreensão de seu estado físico-patológico – o sádico soldado é realista, frio, calculista, lançando mão da violência sem nenhum remorso. Nessa mistura de realidade e fantasia, o vilão da história não é o monstro do labirinto ou qualquer outro bicho estranho que Ofélia encontra, mas sim seu padrasto que procura colocar “ordem” nas coisas e estabelecer a regularidade da vida.

Ordem e regularidade sempre foram idéias teleológicas, isto é, objetivos aos quais as ciências procuraram chegar. O restabelecimento da saúde, encarado como retorno à ordem biológica e à regularidade orgânica, teve o caráter de objetividade desde Hipócrates. A ciência hipocrática relacionava os humores⁵ com causas e efeitos, uma vez que as doenças seriam tão somente o desequilíbrio desses humores causado, por exemplo, pela ingestão incorreta de alimentos. Sua famosa frase: “Que teu alimento seja a tua única medicina; que a tua única medicina seja o teu alimento”⁶ nos auxilia a compreender que sua busca não estava mais no sobrenatural, na interferência dos habitantes do Olimpo, mas na natureza. Ao longo do tempo a mediação sacerdotal entre os dois mundos foi perdendo sua graça e substituída pela ação curativa da própria natureza, pela a

⁵ A Teoria Humoral elaborada por Hipócrates defende que o corpo é composto de quatro humores: fleuma (úmida e fria), sangue (úmido e quente), bílis negra (seca e fria) e bílis amarela (seca e quente), os quais têm sua origem respectivamente no cérebro, coração, baço e fígado.

⁶ Citado na obra *Aforismos*, traduzida e publicada pela Martin Claret.

ação mesma daquilo que os pré-socráticos já chamavam de *physis*⁷ no restabelecimento da ordem cosmológica, incluindo o homem em seu microcosmo biológico.

Porém, a helenização do mundo intentada por Alexandre Magno (356-323 a.C.) não foi suficiente para disseminar toda essa evolução de conhecimentos científicos. Mesmo com a fundação de hospitais, como o que funcionava no templo de Serápis, em Alexandria, onde os estudos de anatomia deram grande impulso à medicina, o conhecimento médico permaneceu praticamente o mesmo até o Renascimento. Uma das diferenças, e talvez a mais substancial para nossas reflexões, tenha sido a sua não especialização. A medicina não era um conhecimento separado, um *corpus* teórico independente e esteve por séculos ligado à filosofia. Pensar a doença era pensar em possíveis causas cosmológicas e não apenas em causas epidemiológicas ou etiológicas como geradoras de reações patogênicas. Ou seja, estudar as doenças era realizar reflexões filosóficas, e a prática da arte curativa era o exercício prático do pensamento filosófico em torno do corpo, do sentido de humanidade e do sentido de cosmogonia. Curar era caminhar pelo labirinto do Fauno e oferecer, como a Ofélia, um bálsamo à dura realidade na qual a humanidade vivia: alta mortalidade infantil, epidemias e baixa expectativa de vida.

Nem a virada cartesiana do racionalismo foi capaz de desvincular o conhecimento biológico de seu mundo fantástico. A revolução intelectual que se processou a partir de Galileu, Newton e Descartes, inaugurou uma nova visão matemática sobre a ciência, proporcionando a base para o desenvolvimento das ciências empíricas as quais passaram a se valer da álgebra, da geometria e da física. O conhecimento passou a ser construído na lógica matemática, mas não sem um certo vínculo com o sobrenatural. Ao estudar a anatomia, por exemplo, Descartes sugeriu a existência da *glândula pineal* que fazia a ligação do corpo com a alma. Pascal, o inventor da calculadora, afirmou que Deus é autor das verdades geométricas e da ordem dos elementos. Para ele, a matemática guarda

⁷ Termo grego que significa o elemento constituinte de todas as coisas, a Natureza. Para Tales de Mileto (VII-VI a.C.) a *physis* era a água e para Anaximandro (da mesma época) era o *apeiron*. A grande genialidade deste último foi ter dito que todas as coisas, incluindo o homem e todos os seres vivos, derivam da *physis* a qual era no princípio uma lama e os homens eram parecidos com os peixes. Todos passaram por um processo de evolução, conforme o habitat. (PENEDOS, 1984).

a ordem das coisas, mas é incapaz de conhecer a natureza mesma das coisas, nem os desígnios do Criador.

Coube à Idade Clássica⁸ a tarefa de retirar a sanidade de seu labirinto. Em contraposição ao mundo mágico, povoado de seres fantásticos, que constitui a metáfora do Fauno, a leitura dos fenômenos passa a ser feita segundo as regras imutáveis da natureza. É a História Natural que passa a descrever os seres vivos em seus aspectos constituintes, levando a ciência à pura classificação taxonômica do vivo. Como diz Foucault (1990, p. 102), “até o final do século XVIII, a vida não existe. Apenas existem seres vivos.” Tanto plantas como animais pertencem a uma mesma ordem natural, funcionando como se fossem máquinas.⁹ Seres pertencentes a uma ordem natural e que devem ser ordenados, classificados, hierarquizados e até mesmo, nos casos das anomalias, expostos como exóticos ou aberrações. Nesse contexto, é a Anatomia a grande ciência porque disseca e classifica os tendões, as juntas e os órgãos, passíveis de serem observados. À Fisiologia cabe reconhecer as engrenagens e as articulações dessa mecânica, mas não como um fenômeno divino, e sim como um corpo matematicamente estruturado. N’*O discurso do método*, Descartes já afirmava que “o método que ensina a seguir a verdadeira ordem e a enumerar exatamente todas as circunstâncias daquilo que se procura contém tudo quanto dá certeza às regras da aritmética” (2004, p. 52). Portanto, a verdadeira ordem da natureza é descrita em suas estruturas visíveis e calculáveis: o rigor das formas geométricas, os cálculos matemáticos e a precisão mecânica do funcionamento dos ciclos vitais tornam-se as fontes do conhecimento científico.

A visibilidade, tornada epistêmica, tinha a natureza como um sistema ordenado, semelhante a uma máquina, bastando apenas compreendê-lo em suas partes e classificá-lo segundo suas funções. A taxonomia não tinha olhos para a vida, para a saúde nem para a doença, mas tão somente para as estruturas visíveis, componentes de uma máquina viva, a qual funciona segundo a ordenação natural. O que a episteme taxonômica fazia era a dissecação da planta e a botanização do cadáver, ou seja, classificava os vivos privilegiando a

⁸ Tomando aqui o sentido que Foucault (1990) dá ao termo: período compreendido entre o século XVII e o XVIII que produziu uma episteme diferente da modernidade (séc. XIX e XX).

⁹ Idéia recorrente nas obras dos filósofos desse período. Canguilhem (1977, p. 76) diz: “Em Descartes, o relógio é o modelo analógico do animal-máquina”. Em 1747, o filósofo Julien Offray de La Mettrie publica o livro *O homem-máquina*.

estrutura visível. Fato que levou a diversas descobertas, como a do sistema circulatório do sangue, feita no século XVII, por William Harvey.

A saída do labirinto e a imersão na natureza, tentando decifrá-la em seus códigos desconhecidos, provocaram o surgimento da ciência moderna, cuja principal característica é sua desvinculação com o mundo mítico. Assim como Ofélia, qualquer ser humano fora desse universo imaginativo depara-se inexoravelmente com a dura realidade de um mundo automatizado, ordenado, frio, hierarquizado e objetivo. Todas essas qualidades podem ser imputadas ao Capitão Vidal, o sádico padrao, diante do qual é impossível não se horrorizar. Entretanto, a maldade e a crueldade com que trata o próximo respondem ao imperativo da lei, da ordem e da lógica de comando. Nada muito diferente da lógica que sustenta o rigor científico, cuja objetividade reclama para si um universo supra-humano. Isto é, a realidade fora do mágico labirinto é a dissecação pura e simples do vivo em favor de conceitos que se sobrepõem na ordem dos valores: o da ciência, o da saúde e o da vida. Tais conceitos tomam vida própria para além do vivo, impondo-se como teleologias, como ordem e como fim. O antigo médico, com seu caráter humanístico, cedeu seu espaço para o profissional anatomofisiológico que se vale quase totalmente de bioestatísticas, de softwares especializados, dos recursos magnéticos e da química dos fármacos – que passam a valer mais que sua intuição, seu olhar clínico, sua reflexão e sua paixão.

Não se trata aqui de negar as contribuições do progresso científico, de recusar, por exemplo, as pesquisas de Robert Hooke com seus estudos sobre a célula, as de Louis Pasteur com as bactérias e até mesmo as análises feitas por Charles Darwin em torno da evolução das espécies, até possibilitar o nascimento da anatomia patológica e tantas outras descobertas científicas e avanço dos recursos tecnológicos. A questão, como bem comenta Gebara (2008), é que esse aprofundamento científico e essa especialização das ciências curativas, principalmente a medicina, acabaram por retirar a magia, o encanto e o romantismo que circundavam a figura do profissional da saúde, o qual além de saber curar, discutia arte, filosofia e literatura, escrevia poemas, tocava, cantava e chamava a atenção pelo charme de sua figura. O enriquecimento tecnológico foi acompanhado de um vergonhoso empobrecimento

cultural, implicando em perda na qualidade do atendimento, desumanização do tratamento e racionalização exacerbada do trabalho clínico. Pior do que isso, a assistência médica e as profissões a ela relacionadas tornaram-se uma colossal indústria menos movida pela necessidade dos pacientes do que pelo lucro e pelo poder profissional, como denuncia Porter (2004) em seus estudos sobre a história da medicina. No geral o paciente é tratado como coisa, um objeto falante que possui um sintoma cuja cura dependerá diretamente de sua capacidade financeira. Como um mero cliente que paga por alguns minutos de análise ou para a prática do tratamento imediato, o indivíduo é conduzido por fatores exógenos, sejam eles os fármaco-químicos ou terapêuticos. A relação entre o profissional da saúde e o “cliente” é, na maioria dos casos, dicotômica e hierárquica: não se ouve o doente, não se discute com ele e a família os modos do tratamento, mas tão somente são prescritos autoritariamente os passos a serem seguidos e as drogas a serem ingeridas. As reais necessidades do paciente, suas fragilidades e sua capacidade de participação são totalmente ignoradas em favor de um conhecimento “acadêmico” adquirido.

Adentramos outro labirinto. Não mais povoado de figuras dóceis que auxiliam no desvelamento dos mistérios, mas um labirinto povoado por uma única figura antropofágica. Isto é, saímos do reino inebriante do Fauno para cair no inóspito labirinto do Minotauro. Uma das figuras mais conhecidas da mitologia grega, o Touro de Minos, como também era chamado, por pertencer ao Rei Minos da Ilha de Creta, fora gerado como castigo pela desobediência de seu pai ao deus Poseidon. Minos fizera um pedido ao deus para ser rei de Creta, o que foi logo atendido por Poseidon que, em contrapartida, pediu em troca que Minos realizasse o sacrifício de um belo touro branco que sairia do mar, em sua homenagem. Recebendo o animal, o rei ficou muito impressionado com sua beleza que resolveu sacrificar um outro touro em seu lugar, esperando passar despercebido. Porém, muito bravo com essa atitude, Poseidon resolveu castigá-lo. Fez com que sua esposa, Pasífae, se apaixonasse pelo touro e ficasse grávida do mesmo, vindo gerar e dar à luz ao Minotauro. Desesperado e amedrontado, Minos solicitou a construção de um labirinto gigante para aprisionar a criatura. O labirinto foi construído por Dédalus no subsolo do palácio de Minos, na cidade de

Cnossos, em Creta, onde o animal com cabeça de touro e corpo de homem passava os dias a devorar os humanos que ali eram jogados periodicamente.

Assim como as pessoas assinaladas para o sacrifício, quem procura um profissional da saúde está, na maioria dos casos, apreensivo, amedrontado e fragilizado. A apreensão aumenta à medida que ouve explicações técnicas incompreensíveis e todo o resto do processo de internação segue uma lógica impessoalizada e formal. A saúde, a doença e a cura são domínios do “doutor” a quem pertence, enquanto técnico especializado, a palavra. Dessa forma, uma lista de exames substitui o diálogo, a anamnese e o olhar clínico. A relação entre eles é impessoal, mecânica e estritamente nosológica, para não dizer tão fria quanto as paredes do labirinto de Creta. O olhar do profissional da saúde é, geralmente, para a doença e não para o paciente ou o ser humano que está à sua frente. O ímpeto de sua ação curativa está na capacidade financeira do doente,¹⁰ na máxima aplicação técnica dos conhecimentos e na utilização racional da instrumentação tecnológica, e não nas reais necessidades que o organismo apresenta para restabelecer seu equilíbrio funcional. Não vale a vida humana, mas a capacidade técnico-financeira que o indivíduo tem de escapar da morte, diante de um trágico destino.

O sentido da antropofagia se repete em maior ou menor escala. E não me refiro às limpezas étnicas do Cáucaso e das tribos subsaarianas ou do combate ao “câncer” judaico por parte dos nazistas,¹¹ que revelam sem dúvida nenhuma uma monstruosidade e uma extrema degeneração de valores, devidamente abençoadas pela política e pela ciência. Mas refiro-me à lógica anti-humana que toma conta da ciência no mundo contemporâneo e traça, lamentavelmente, o perfil da atuação profissional numa lógica de mercado. A

¹⁰ Uma vez que “ao longo de sua história, a medicina ocidental foi um negócio em pequena escala”, como afirma Porter (2004, p. 185);

¹¹ Porter (Idem, p. 197), informa que “o anti-semitismo que culminou no Holocausto recebeu as bênçãos de médicos e psiquiatras proeminentes, organizados pela Liga Nazista de Médicos. Os médicos e cientistas promoveram e participaram ativamente de medidas nazistas como a esterilização dos ‘geneticamente inaptos’. Os médicos esterilizaram quase 400.000 deficientes mentais, epiléticos e alcoólatras, *antes mesmo* da eclosão da guerra, em setembro de 1939. A partir daí, as ‘mortes misericordiosas’ tornaram-se rotineiras nos hospitais psiquiátricos: entre janeiro de 1940 e setembro de 1942, 70.723 doentes mentais foram levados para a câmara de gás. Alguns foram vítimas de projetos nazistas de experimentação humana. A ‘solução final’ do ‘problema judaico’ recebeu plena racionalização médica”. (grifos do autor).

saúde não é mais uma mediania (entre o excesso e a falta, por exemplo, de alimentação, remédios, exercícios etc.) que conduz à felicidade, como defendeu Aristóteles; mas um investimento financeiro e uma fonte inesgotável de especulação e exploração econômica.

Para além dos insalubres consultórios, das minúsculas clínicas e dos deprimentes hospitais, é preciso considerar que os sistemas de saúde funcionam como um labirinto antropofágico. O SUS por exemplo, muito elogiado no exterior, é arcaico, burocrático e deficiente. Entre o projeto e a realidade há uma diferença tão grande quanto entre o conceito de saúde garantido pela Constituição e a garantia real nos postos de saúde. Com a proclamada “descentralização” a parte operacional da assistência reconcentrou-se nas mãos dos políticos negligentes e de pessoal desqualificado. As prefeituras não planejam, não mapeiam as doenças, não investem em pesquisa, não realizam campanhas educativas regularmente e não têm controle sobre as incidências epidêmicas. O lixo não é reciclado e a poluição totalmente descontrolada, uma vez que os vereadores eleitos passam, na maioria dos casos, todo o pleito defendendo seus interesses pessoais e nunca legislam sobre os reais problemas, como as indústrias poluidoras, a impermeabilização dos terrenos urbanos, o tratamento da água, a qualidade dos produtos alimentícios fabricados em seu município etc. O elogio por parte dos que não conhecem o sistema a partir de dentro reforça a ideologia do seguro social pleno, encobrendo a dura realidade: SUS para os pobres – que podem esperar na fila por dias e meses, ou morrerem sem ser notados e os convênios para as classes abastadas. Sobra o particular que fica para os desesperados ou aos que podem pagar e ter na hora certa a assistência de que necessita.

Diante desse quadro de patologia política e social, quase irremediável por causa do imperativo mercadológico, resta dizer, como Foucault (2001, 37) que:

A primeira tarefa do médico é, portanto, política: a luta contra a doença deve começar por uma guerra contra os maus governos; o homem só será total e definitivamente curado se for primeiramente liberto: ‘Quem deverá portanto, denunciar ao gênero humano os tiranos, se não os médicos e, por extensão,

todos os profissionais da saúde que fazem do homem seu único estudo, e que todos os dias, com o pobre e o rico, com o cidadão e o mais poderoso, na choupana e nos lambris, contemplam as misérias humanas que não têm outra origem senão a tirania e a escravidão?

Eis a primeira tarefa que se impõe não apenas aos profissionais de saúde, mas também às instituições de ensino. A outra tarefa é ontológica e antropológica: é preciso entender que um ser vivo não pode assim reduzir-se unicamente a sua estrutura visível. O ser humano representa uma malha da rede secreta que une todos os objetos desse mundo. Em outras palavras, o vivo vai muito além de uma mera natureza ordenada, mecânica. Ele é dinâmico, evolutivo, *sui generis* e carregado de códigos existenciais. Naturalmente que a vida tem o que Claude Bernard chama de “*milleu intérieur*”¹² que passa a alojar em si o conceito, ou seja, a mensagem da vida que é seu código genético. Mas o *milleu intérieur* depende do *milleu extérieur* para ampliar as sinapses cognitivas e, dessa forma, elaborar os conceitos de sua existência e os significados que a vida pode conceder. Antes mesmo de adentrar as reflexões metafísicas, inerentes à natureza humana,¹³ podemos buscar o amparo da psicanálise que soube fazer o dever de casa no que tange à leitura dos sintomas psicossomáticos. Desde Skinner as atitudes humanas já eram vistas como respostas de algum vetor, senão metafísico pelo menos exógeno, que altera o estado de ânimo e, conseqüentemente, as respostas que podem dar a tais estímulos.

Tomando o conceito de Canguilhem de viver, o qual é irradiar-se, organizar-se e reorganizar-se no meio e construir uma nova relação organismo-meio, é preciso conceber uma nova relação social que responda ao novo contexto sem perder a significação original do homem em sua essência. O problema é bem

¹² Citado por CANGUILHEM, G. *Études d'Historie e de Philosophie des sciences*, pág. 363.

¹³ Metafísica: (do grego *μετα* [*meta*] = depois de/além de e *Φυσις* [*physis*] = natureza ou físico) é um ramo da filosofia que estuda a essência do mundo. É o estudo do ser ou da realidade. O sentido da palavra *metafísica* deve-se a Aristóteles e a Andrônico de Rodes. Aristóteles nunca utilizou esta palavra, mas escreveu sobre temas relacionados à *physis* e sobre temas relacionados à ética e à política, entre outros semelhantes. Andrônico, ao organizar os escritos de Aristóteles, o fez de forma que, espacialmente, aqueles que tratavam de temas relacionados à *physis* viessem antes dos outros. Assim, eles vinham *além da física* (*Meta* = depois, além; *Physis* = física). Neste sentido, a metafísica é algo intocável, que só existe no mundo das idéias.

Segundo Cassirer (1977), a metafísica faz parte da natureza humana, principalmente a religião, pois pertence ao domínio do simbólico.

colocado por Ternes que diz: “Trata-se da necessidade do homem moderno de se haver com a origem”¹⁴. Ou seja, de se haver com sua essência, perdida na exatidão das certezas matemáticas, na precisão dos recursos tecnológicos e na finitude humana. Não é um acerto apenas histórico, mas, como disse, antropológico, e ainda epistemológico na medida que deve procurar “conferir ao homem o lugar que lhe convém”¹⁵ como sujeito e objeto do conhecimento e da história, sem, portanto, perder de vista a transcendência que lhe é peculiar enquanto ser cultural, moral, social e espiritual. E a tarefa de quem ensina e procura produzir conhecimento em torno da saúde é, além de política, ética. Toda e qualquer deontologia que ignora tais fatos torna-se meramente regra e não consciência.

Concluindo, a questão é a saída do labirinto. A luta Segundo o mito, Teseu matou o Minotauro com uma espada mágica que Ariadne (filha de Minos que se apaixonara por Teseu) havia lhe dado e liderou os outros atenienses para fora do escuro calabouço. Minos, irado por Teseu ter conseguido escapar, aprisionou Dédalo e o filho deste, Ícaro, no labirinto. Eles conseguiram escapar construindo dois pares de asas para si mesmos usando penas e cera de abelha para grudá-las. Ícaro ficou tão encantado que voou cada vez mais alto, chegando perto do Sol, o que fez derreter a cera e provocou sua queda mortal sobre o que hoje é o mar Egeu. O que o mito nos ensina é, primeiramente, a luta pela liberdade e a fuga de um mal iminente.

Se em nosso tempo a representação da unidade subjetiva, bem como da unidade objetiva de cada um, acontece, como salienta Nietzsche (1982) a partir do corpo e da fisiologia, cabe às ciências da saúde uma tarefa monumental: o resgate da identidade humana na luta cotidiana entre a saúde e a doença. Como fazer isso? A dica está no próprio mito: Nenhum dos heróis conformou-se com a fatal situação em que estavam e todos lutaram criativamente contra o mal iminente. Portanto, a primeira tarefa dos que se envolvem no campo da saúde é, repetindo com Foucault, política: é preciso um posicionamento crítico em relação aos governos, aos programas e sistemas de saúde pública. Porém, não compreendendo os limites aos quais todos estamos vinculados, Ícaro subiu tanto

¹⁴ TERNES, J. *Michel Foucault e a idade do homem*, pág. 164.

¹⁵ *Idem*, pág. 171.

que acabou tendo um trágico destino. Ou seja, toda liberdade e autonomia no campo das ciências que não observar os limites éticos corre o risco de auto-destruição. Por fim, a saída realmente vitoriosa foi de Teseu que possibilitou a salvação não somente para si, como para todos que estavam no labirinto. Em vez de simplesmente voar, fugindo do problema, resolveu enfrentá-lo e eliminá-lo. Quero chamar a atenção para a arma utilizada: tratava-se de um espada mágica, doada pela paixão que sua amada lhe nutria. Portanto, fazer ciência é devotar-se à causa de forma apaixonada e não somente com vistas ao lucro fácil ou ao enriquecimento. Por que uma espada mágica? Porque em tudo é preciso um pouco de magia e de encanto. É a matéria-prima do ser humano enquanto *homo culturalis* e fonte para a construção dos conceitos científicos, inclusive o de saúde e o de doença. Desse modo, compreender o vetor metafísico da mentalidade humana e explorá-lo na dinâmica da vivência profissional não significa voltar ao obscurantismo, mas voltar às próprias raízes humanas e delas poder sacar os componentes ativos para remediar os males que enfrentamos nos dias de hoje.

Referências bibliográficas:

- ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência*. 10^a. ed. São Paulo: Basiliense, 1987.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret: 2003.
- CANGUILHEM, Georges. *Ideologia e racionalidade nas ciências da vida*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- _____. *La connaissance de la vie*. Paris : Librairie Philosophique, 1980.
- CASSIRER, Ernst. *Antropologia filosófica*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- DESCARTES, René. *O discurso do método*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- FRANCO JR. Hilário. *A idade média: nascimento do Ocidente*. 2^a. ed. ver. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. 5^a. ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária: 2001.

_____. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

GEBARA, Vila Sami. Olhos para a objetividade. In: *Revista Filosofia: Ciência & vida*. Edição Especial. Ano II, n. 7. São Paulo: Escala, 2008. (p. 12-19).

JACOB, François. *A lógica da vida: uma história da hereditariedade*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

KERÉNYI, Karl. *Os deuses gregos*. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 2007.

NIETZSCHE, F. Fragments posthumes. In: *Oeuvres philosophiques complètes*. Paris : Gallimard, 1982.

PENEDOS, Álvaro J. dos. *Introdução aos pré-socráticos*. Porto, Portugal: Rés, 1984.

PLATÃO. Fédon. *Diálogo sobre a alma e morte de Sócrates*. Tradução de Miguel Ruas. S. Paulo: Martin Claret, 2002. (Coleção a obra prima de cada autor, n. 18)

PORTER, Roy. *Das tripas coração: uma breve história da medicina*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004.

TERNES, José. *Michel Foucault e a idade do homem*. Goiânia: Ed. UCG e Ed. da UFG, 1998.